



4395 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT04 - Didática

A AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO JOGO DE XADREZ EM UMA ESCOLA PÚBLICA
José Aparecido Alves Pereira - UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

A AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO JOGO DE XADREZ EM UMA ESCOLA PÚBLICA

RESUMO

O objetivo foi autoavaliar a aula e a sequência didática do processo de ensino das regras do jogo de xadrez, e no exercício da prática enxadrística acompanhar a percepção e o nível de aprendizagem destas regras, por alunos do 2º e 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública em Guanambi-Ba. As questões de pesquisa foram: a) Como a autoavaliação da aula pode contribuir para aperfeiçoar o ensino do jogo de xadrez? b) Qual a motivação dos alunos para as aulas de xadrez? c) Quais as técnicas utilizadas no ensino e aprendizagem do jogo de xadrez? Tratou-se de uma pesquisa de campo qualitativa realizada entre julho e dezembro de 2016. A amostra foi de 49 estudantes. A produção do conhecimento foi feita por meio de: observação, registro e diário de campo, e análise de conteúdo na interpretação dos dados. O referencial pautou em estudos da prática enxadrística com uma abordagem histórica e foco no seu crescimento nas escolas, concepções de ensino, aprendizagem, aula e avaliação da aprendizagem. Demonstrou que um semestre é insuficiente para o domínio das regras, e mostrou a necessidade de repensar o ensino das regras do jogo de xadrez.

Palavras-chave: Jogo de xadrez. Aula. Autoavaliação.

Introdução

No Brasil a chegada do jogo de xadrez deve-se à vinda da família real portuguesa em 1808, mas sua utilização como recurso didático pedagógico nas escolas do país remonta à década de 1970, e ampliação a partir da década de 1990. A opção pelo jogo de xadrez na escola dá-se em virtude de sua prática favorecer o desenvolvimento de várias competências e habilidades no processo de desenvolvimento da aprendizagem (NOBRE, 2005).

As motivações para este estudo foi ter participado de um projeto de xadrez na escola no ensino fundamental, e figurar entre as melhores enxadrístas da Bahia na modalidade sub 10 anos. Assim, delimitamos as questões de pesquisa: a) como a autoavaliação da aula pode contribuir para aperfeiçoar o ensino do jogo de xadrez? B) Qual a motivação dos alunos para as aulas de xadrez? C) Quais as técnicas utilizadas no ensino e aprendizagem do jogo de xadrez?

Para responder essas questões o objetivo foi autoavaliar a aula e a sequência didática do processo metodológico de ensino das regras do jogo de xadrez, e no exercício da prática enxadrística acompanhar a percepção e o nível de domínio e aprendizagem destas regras, por alunos do 2º e 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública no município de Guanambi-Bahia.

Tratou-se de uma pesquisa de campo no período de julho a dezembro de 2016. A amostra foi composta por 49 estudantes que nunca tiveram contato com o jogo. A produção do conhecimento foi feita por meio de três instrumentos: observação, registro e diário de campo, e a interpretação dos dados por meio de análise de conteúdo.

A autoavaliação da aula de xadrez nos caminhos de uma prática pedagógica

A aula pode ser definida como a troca de saberes entre alunos e professores num processo de troca mútua, onde o professor não apenas transmite conhecimentos mas também aprende com seus alunos. Rios (2008) define que:

[...] uma aula não é algo que se dá, mas algo que se faz, ou melhor, que professores e alunos fazem juntos. Afirmer que fazem juntos não significa, absolutamente, dizer que fazem de maneira igual. É na diferença e na reciprocidade de papéis que vai se constituindo o evento que se chama aula (RIOS, 2008, p.2).

Durante as aulas de xadrez que ministrei, percebi o quanto a concepção de aula que o professor tem é importante, pois é esta que irá nortear todo o seu trabalho na sala de aula e no planejamento. No começo acreditava que os conhecimentos técnicos que já possuía sobre o jogo de xadrez seriam suficientes para ministrar as aulas. Porém, no decorrer das mesmas, percebi que apesar de se tratar de um

jogo, o ensino do xadrez necessita de diversos conhecimentos que estão presentes na formação do professor e na própria alfabetização dos alunos. Sacristán (2000) aponta para as exigências feitas aos docentes e destaca que:

As exigências da educação escolarizada crescem mais depressa do que a melhora da qualidade dos professores. Nem a formação inicial do professorado se adapta com facilidade e rapidez às mudanças necessárias. Ao professor se exige cada vez mais, mas os sistemas para a sua formação e atuação se mantêm muito mais estáveis, embora o aumento do nível acadêmico de sua formação seja uma tendência crescente. (SACRISTÁN, 2000, p.148).

Mesmo concluindo a formação inicial, me vendo com boa formação acadêmica, senti dificuldades no trabalho de ensino das regras do xadrez. Embora com as experiências dos Estágios Supervisionados, o controle de classe foi uma dificuldade devido ao número de alunos para trabalhar os aspectos teóricos e práticos, mesmo com o planejamento prévio. Nas primeiras aulas acreditava que os conhecimentos que possuía sobre o jogo de xadrez, aliada à experiência do estágio, conseguiria desenvolver um bom trabalho e contemplar os objetivos propostos.

Nas primeiras seis aulas este pressuposto se sustentou, por se tratar de aulas teóricas os alunos aparentavam estar compreendendo o assunto. Quando iniciamos as aulas práticas com o uso dos jogos, percebi que em relação à movimentação das peças, os alunos conseguiam reconhecer o Peão, Cavalos, Torre. Confundiam o Bispo com o Peão, e não sabiam diferenciar o Rei da Dama. Neste momento percebi que o número de aulas teóricas planejadas, foram insuficientes para essa compreensão.

Ao iniciar as aulas práticas, pude notar avanços de alguns alunos para com o jogo, porém esse número era pequeno. Após essa observação e autoavaliação das aulas, procedi a revisão dos movimentos das peças antes do início de cada aula, sempre com o auxílio dos alunos para a montagem do mural didático e das peças de xadrez no tabuleiro. Assim, percebi que a autoavaliação permitia a análise contínua do trabalho, o que foi possível compreender e identificar o que poderia ser feito, o que garantiu um avanço na aprendizagem (VILLAS BOAS, 2008). Autoavaliar-se não é uma tarefa simples, compreender e aceitar os erros cometidos no decorrer do caminho pode não ser tão fácil, essa tarefa implica diálogo, reflexão, autoregulação e tomada de decisão sobre os melhores caminhos a seguir.

No decorrer do período percebi os erros e acertos durante as aulas, e possibilitou compreender a importância da flexibilidade do professor quanto ao seu planejamento. As aulas com duração de 50 minutos passaram a ter o tempo reduzido para aproximadamente 40 minutos, pois percebi que os alunos desmotivavam antes do término. Tais situações remetem ao que, Rios (2008) discute, a que não há receitas prontas para fazer bem a aula, pois são elementos nela envolvidos são complexos, e que a abertura dos professores e alunos ao previsto e à renovação.

O planejamento das aulas era realizado semanalmente, e os primeiros conteúdos foram voltados para a história do jogo, desde as suas origens, por meio de um mural didático de xadrez para apresentar as peças, e um mapa mundi, para mostrar os continentes e países onde o jogo surgiu e desenvolveu, e o vídeo "uma aventura no reino do xadrez". Para Sacristán (2000, p.58). "Ninguém duvida de que a educação básica de um cidadão deve incluir componentes culturais cada vez mais amplos, como facetas de uma educação integral. Um leque de objetivos cada vez mais desenvolvidos [...]" (SACRISTÁN, 2000, p.58).

A autoavaliação permitiu ainda, indicar que nas primeiras seis aulas o trabalho deve ser com base nos seguintes conteúdos: origem do jogo de xadrez, demonstração no mapa mundi sobre os continentes e países de onde se fala, o tabuleiro com seu número de casas (64), e a localização por meio do número e letra, para permitir um trabalho com arte e matemática. Na sequência trabalhar o nome das peças, localização no tabuleiro e um exercício de pintura do tabuleiro, das peças, e colagem nas casas originais (a1, b1, c1, d1, e1, f1, g1, h1, e, a8, b8, c8, d8, e8, f8, g8, h8).

Ressalta-se, que a fase dos seis aos nove anos as crianças são espontâneas e muitas vezes "inquietas", isso requer do professor habilidade, diálogo e postura para negociar com os alunos regras de convivência na sala. Os momentos em que se exige do professor maior habilidade para lidar com as situações adversas que surge no cotidiano escolar, faz-se necessário questionar a formação ofertada na Universidade.

Nas turmas algo chamou atenção no processo. A inquietude de ao menos 20% dos alunos que solicitavam licença, o uso de garrafas de água durante a aula era outro fator que interferia de alguma forma na sua concentração. Logo, discutir regras de acesso e permanência nas aulas de xadrez foi fator importante para seu bom andamento.

A postura do professor de xadrez na organização e orientação dos alunos é fator preponderante no ensino e aprendizagem. Constatamos que o trabalho de orientação para crianças na fase inicial de aprendizagem das regras, não deve ter mais que seis duplas para um professor. Quando submetido a orientar a classe com mais de seis duplas não foi possível o atendimento satisfatório, e a maioria dos alunos que não eram orientados de imediato efetuavam movimentos errôneos ou duvidosos que comprometia a aprendizagem.

Na sequência didática o trabalho com os três movimentos especiais (roque, *oen passant* e a promoção do peão) não foram compreendidos pelos alunos antes da 20ª aula, embora tenha sido trabalhado na 9ª aula. Os movimentos especiais que os alunos compreenderam com maior facilidade foram a promoção do peão, embora muitos tivessem a impressão que qualquer peça que alcançasse a primeira casa do adversário deveria ser promovida. Essa dúvida foi muito forte e mereceu orientações específicas e constantes. O roque foi assimilado por uma minoria a partir da 20ª aula, e havia dúvidas para realização desse movimento especial. O *en passant* foi o terceiro movimento especial mais difícil de ser assimilado. A partir da 25ª aula ministradas não houve o domínio completo desse movimento, embora experimentassem. Assim, os três movimentos especiais não foram compreendidos pela grande maioria dos alunos.

O xeque-mate foi o movimento mais difícil de ser assimilado. Alguns poucos alunos conseguiram assimilar em partes a partir da 25ª aula, isso crianças de sete e oito anos de idade de Escola Pública. As diversas situações a que o Rei estava exposto ou a desatenção para a sua marcação dificultava a compreensão do xeque mate. Os estudantes arrumavam as peças, iniciavam a partida e detinham aos movimentos e capturas sem pensar em estratégias ou formas de final de jogo até porque havia muitas dúvidas acerca dos movimentos do cavalo, torre, bispo, dama e rei. O peão foi o movimento mais bem assimilado. Atribui-se a isso, a quantidade de peões no jogo e sua fácil movimentação.

Melo (2015) afirma que:

Por mais que a criança aprenda as regras e dicas básicas para se jogar e, conseqüentemente, ganhar um jogo, é impossível (pelo fato de não existir até o presente momento) um caminho certo para a vitória, uma 'fórmula'. Cada jogo é um universo diferente, cada um deve aprender a 'ler' o jogo que tem diante de si e saber que caminho deve seguir. (MELO, 2015, p.16).

As dificuldades em assimilar os movimentos das peças no início se mostrou natural nas duas turmas, pois não dispõem de jogo de xadrez em casa para prática com familiares ou colegas. A prática limita-se as duas aulas semanais na escola. A constatação em relação à prática fora do ambiente escolar nos levou a refletir que o empréstimo dos jogos de xadrez, ao menos nos finais de semana contribuiria com o aprendizado dos movimentos.

A frequência dos alunos foi um fator que dificultou o andamento do trabalho. Na turma do 2º ano com 26 alunos, a média de frequência às aulas foi de 82,62%, sendo 10 alunos com mais de 90% e seis com frequência entre 80 e 90%. Na turma do 3º ano com 23 alunos, a média de participação foi 78,53%. 12 alunos com mais de 80% de participação, sendo sete alunos entre 80 e 90%. A irregularidade na frequência nas duas turmas dificultou a sequência didática dos conteúdos. A ausência oscilava em torno 15 a 20% e nos obrigávamos a trabalhar os conteúdos vistos na aula anterior com os alunos que não estiveram presentes.

Segundo Hoffmann (1995), enfrentamos algumas situações com nossos alunos, que vão desde aqueles que participam das aulas, fazem as tarefas, estão atentos às explicações em classe e aprendem. E "Outra situação refere-se aos que faltam muitas aulas, não realizam as tarefas, são agitados e desatentos, são problemas que buscamos resolver, mas se entende o seu mal resultado de aprendizagem" (1995, p.41). As muitas ausências trouxeram prejuízos ao ensino e à aprendizagem das regras do jogo de xadrez.

Além das ausências por motivos particulares/familiares, na escola, em alguns momentos, as aulas eram interrompidas por falta de merenda, água, véspera e prolongamento de feriado, datas comemorativas, parada de luta dos professores, além da inquietude e indisciplina de alguns alunos, e outros que não tinham disposição para o jogo. Do total de 40 aulas de xadrez planejadas no semestre, 28% delas não aconteceram por alguns dos motivos citados acima.

Na autoavaliação da aula, notei que faltou estabelecer regras de acesso, permanência e convivência dos alunos em classe. Em vários momentos não consegui dar atenção e acompanhar as duplas para sanar suas dúvidas e exigir maior esforço no aprendizado. A postura firme do professor de xadrez no controle dos limites em classe e acompanhamento dos alunos é fator que influi no desenvolvimento do ensinar e aprender.

Considerações

No processo observamos que crianças de sete aos nove anos de idade não dominam as regras completas do jogo de xadrez em um semestre letivo com duas aulas semanais, sem praticar fora da escola. Os movimentos especiais e o xeque-mate não foram compreendidos. O movimento das peças teve o domínio da maioria, mas o processo de acompanhamento de um professor para mais de seis duplas interferiu no domínio. A ausência de alguns alunos e a impossibilidade de aproveitamento do total de aulas no semestre, por motivos internos e externos foram outros fatores que interferiram no nível de domínio das regras do jogo de xadrez.

A percepção dos alunos sobre o jogo foi positiva com forte motivação para as aulas. Após o período de um semestre as duas turmas compreenderam os movimentos básicos, sendo que poucos foram os que compreenderam alguns princípios do xeque-mate e movimentos especiais. Um espaço adequado com mesas e cadeiras propicia à prática do jogo de xadrez é outro elemento que facilita o aprender, mas a formação do professor de xadrez em torno do domínio técnico e metodológico é primordial para a aprendizagem das regras do jogo de xadrez.

Referências

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora**: Uma prática em Construção da Pré-escola à Universidade, Porto Alegre: Mediação, 1995.

MELO, Wellington A. **Influência da prática do xadrez escolar no raciocínio infantil**. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2015.

MORETTO, Vasco P. **Prova**: um momento privilegiado de estudo – não uma acerto de contas. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

NOBRE, Fábio C. F. **Xadrez na escola**: uma alternativa de atividade integrante do processo de formação. Monografia. Curso de Educação física, Universidade Federal de Viçosa-MG, 2005.

RIOS, Terezinha A. A dimensão ética da aula ou o que nós fazemos com eles. In: VEIGA, Ilma P. A. (Org.) **Aula**: gênese, dimensões, princípios e práticas. Campinas: Papyrus, 2008.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo uma reflexão sobre a prática** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, Rosângela R. V. **Práticas pedagógicas no ensino-aprendizado do jogo de xadrez em escolas**. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

VILLAS BOAS, B.M.F. **Virando a escola pelo avesso por meio da avaliação**. Campinas: Papyrus, 2008.